

# Países devedores falam em virar o jogo

O presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, disse ontem em Bolonha, na Itália, que os países latino-americanos correm o perigo de uma "libanização", caso o FMI insista em aplicar "receitas econômicas anacrônicas" ao problema da dívida. "No próximo ano, os países latino-americanos começam a pensar de modo não convencional na questão da dívida externa", advertiu Alfonsín, dando a entender que os endividados poderão endurecer nas negociações.

"A democracia na América Latina está renascendo num quadro de grave penúria econômica", observou Alfonsín durante conversa informal com estudantes da Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Bolonha, que ontem lhe concedeu o título de "doutor honoris causa" em Direito. O presidente argentino acrescentou que esta situação impede tanto o desenvolvimento político e econômico como a concretização das "justas aspirações de nossos povos", um binômio cujo resultado pode ser "a volta ao autoritarismo".

As declarações de Alfonsín fazem eco ao discurso do ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, que anteontem alertou para o risco de o problema da dívida desgarrar em soluções propostas por forças polí-

ticas, mais radicais, pois a crise, na opinião do ministro, favorece o crescimento dessas forças. Com uma diferença: Alfonsín entende a crise econômica afeta "a todos os partidos políticos governantes do continente, sem diferenças ideológicas".

O presidente eleito do México, Carlos Salinas de Gortari, retornou ontem de Houston, Texas, onde conversou com o presidente eleito dos EUA, George Bush, sobre a questão da dívida. Segundo Salinas, serão realizadas gestões imediatas para reduzir o serviço da dívida externa mexicana, que é de mais de US\$ 102 bilhões. Para voltar a crescer e poder pagar a sua dívida, o México necessitará de pelo menos US\$ 11 bilhões anuais.

A Bolívia renegociou esta semana com o Club de Paris US\$ 241 milhões, de um total de US\$ 504 milhões correspondentes a sua dívida bilateral. Segundo o ministro de Finanças boliviano, Ramiro Cabezas, o país conseguiu ainda um período de alívio de sete anos, durante o qual não pagará nem juros nem parte do principal. A Bolívia deve US\$ 302 milhões ao Brasil e US\$ 397 milhões à Argentina, e terá de renegociar parte dessa dívida antes de 1995.